

Clima caótico castiga a Europa

Aquecimento global seria responsável por seca no Mediterrâneo e chuvas fortes nos Bálcãs

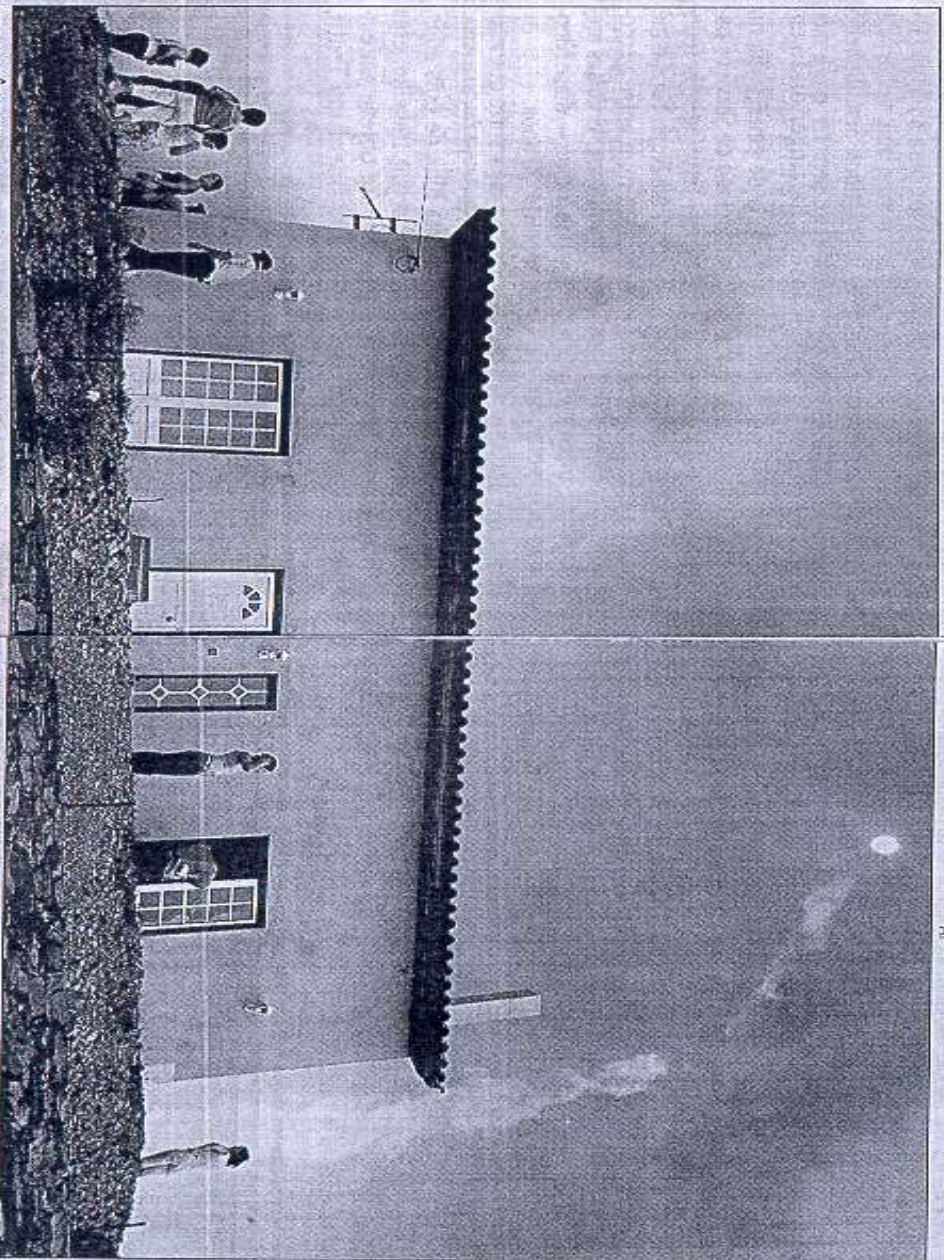
Vivian Oswald

Especial para O GL OB O

• BRUXELAS. Estação do ano mais aguardada pelo europeus, o verão vem se tornando uma grande dor de cabeça para eles. A Europa está assustada com a onda de calor e a seca que tem assolado principalmente a região sul do continente. A Espanha vive a pior seca dos últimos 60 anos e trabalha com apenas 45% dos seus reservatórios de água. Como se não bastasse, este é o auge da alta estação, período em que o país costuma receber o maior número de turistas no ano. Em Portugal, o quadro não é muito diferente e a seca atinge 70% do país.

França, Itália e Grécia também estão na lista divulgada pela União Europeia (UE) como os lugares que exigem maior atenção neste momento. Por toda parte, os governos nacionais deram início a grandes campanhas de racionamento

AP



UM INCÊNDIO alcança as cercanias de uma casa em Fajão, norte de Portugal; a seca atinge 70% do país e aumenta a incidência de queimadas

França racionaliza água a fim de enfrentar a seca

Irrigação é apontada como uma das fontes de maior desperdício

Deborah Berlinck

Correspondente

• PARIS. Há dois anos, a morte de 14 mil idosos durante uma extraordinária onda de calor na França provocou um escândalo: idosos que moravam sozinho morreram e alguns corpos apodreceram nos apartamentos. Não havia pessoal suficiente para recolhê-los e enterrá-los, pois o país estava paralisado, de férias. Desde então, os franceses se prepararam para o pior. Este ano, entretanto, o problema é outro: não há água.

Moradores de 67 cidades francesas estão sendo obrigados pela prefeitura a limitar o uso de água. A seca que assola o país só é comparável à de 1976. O ministério da Ecologia julgou preocupante a situação em 21 cidades.

de água. E o caso de 68 dos 96 departamentos da França, onde o déficit de chuvas tem atingido principalmente a costa Atlântica e o Vale do Rodano, que registram índices pluviométricos de 5 a 6 milímetros. Normalmente, deveriam estar entre 30 e 40 milímetros.

Seca faz aumentar o número de incêndios

A seca prolongada já atinge o setor agrícola europeu, que começa a relatar as suas consequências. No sudoeste da França, por exemplo, 90% da água consumida pela população é usada na irrigação. Estima-se que para produzir um quilo de milho são necessários 500 litros de água.

A situação é tão grave que a falta de água, o calor, os ventos e o aumento das massas secas e de resíduos combustíveis nas florestas intensificaram o número de incêndios nas regiões mais afetadas. Segundo o estudo do Sistema de Informações de Incêndios na Europa (Eflis), divulgado esta semana pela UE, a análise sobre o risco de queimadas este ano mostra uma situação crítica.

Até o momento, 70 mil incêndios já destruíram 140 mil hectares e mataram 19 pessoas na Europa. "As perspectivas para o resto da estação das queimadas

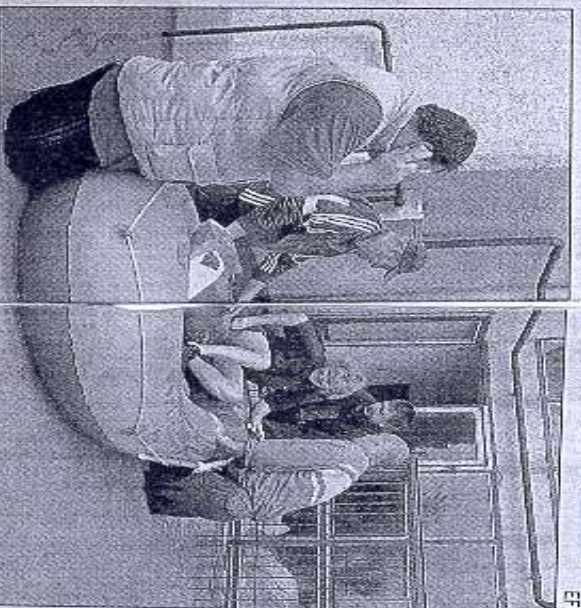
em 2005 são sombrias", diz o documento. Cerca de 80% dos incêndios registrados no continente ocorreram em Portugal e Espanha, que também respondem pelo equivalente a 76% da área devastada pelo fogo.

Estudo realizado pela WWF mostra que a temperatura subiu dois graus na Europa nos últimos 30 anos, causando períodos de seca cada vez mais longos e aumento dos riscos de incêndio.

— As temperaturas mais altas prolongam o verão, trazem ainda mais quentes e secas cada vez mais prolongadas. A falta de chuva, o calor e os fortes ventos aumentam os riscos de incêndio — sustenta o diretor do programa para o Mediterrâneo da WWF, Paolo Lombardi.

A UE considera simplista atribuir o problema às mudanças climáticas e lembra que entre 80% e 85% dos incêndios registrados na região são provocados acidental ou propositalmente pelo homem. Mas, frisa Lombardi, as temperaturas elevadas criam condições ainda mais propícias para estes incidentes.

Segundo o relatório do Eflis, os riscos de incêndio na região mediterrânea em junho deste ano já eram bem maio-



UMA MULHER é ajudada a entrar

res do que os níveis registrados no ano passado e em 2003, quando o fogo devastou nada menos que 740 mil hectares, o equivalente a três vezes a superfície de Luxemburgo.

O professor da Divisão de Pesquisa sobre Florestas e Meio Ambiente da Universidade de Leuven, Martin Hermy, ainda acrescenta a urbanização mal planejada e a migração da população dos países mediterrâneos para as cidades — deixando para trás áreas sem qualquer tipo de cuidado ou monitoramento — como também responsáveis pelo grande número de incên-



num barco em Szilisz, na Hungria

dios. Para Hermy, não há solução a curto prazo.

— É preciso mudar a mentalidade e a atitude das pessoas. Aumentar os controles sobre as áreas de maior risco e repetir ações deliberadas — diz.

Segundo o diretor da WWF, além de adotar políticas para evitar mudanças climáticas ainda mais profundas na Europa no que diz respeito às emissões de gases na atmosfera, por exemplo, é preciso melhorar o planejamento urbano, reorientar as políticas de reforestamento nas regiões mediterrâneas — que hoje usam árvores menos resistentes do que as

nativas — e reforçar o controle sobre as áreas de risco.

Sejam quais forem as medidas a serem tomadas a curto prazo, estas terão que partir dos governos nacionais, uma vez que não existe uma política comum para o tema na UE.

UE só dispõe de 9 milhões de euros para ação em 25 países

O bloco até tem tentado orientar a ação dos países tendo por base estudos como Eflis — que inclui uma análise da situação climática europeia e dos riscos de incêndio, além de um grande banco de dados sobre as regiões. No entanto, os recursos da UE para os projetos destinados a campanhas educativas e pesquisas não passam de 9 milhões de euros (cerca de R\$ 26 milhões), a serem gastos nos 25 países que compõem a união no período de 2002 a 2006.

Se num extremo do sul da Europa falta água, no outro sobra: a região dos Balcãs tem sido castigada por fortes chuvas. As recentes inundações em Romênia e Bulgária provocaram graves estragos para a economia destes países. Na Bulgária, pelo menos 27 pessoas morreram devido às inundações, enquanto mais de dez mil casas foram destruídas. ■

Viticultores contentes porque vinhas gostam de seca

"A água está se tornando um recurso raro na França. É hora de acabar com a política de última hora de restrição de água", protestou, no jornal "Le Monde", a União Federal dos Consumidores, que acusa o governo de beneficiar agricultores com uma política de água arcada.

Segundo a União, os agricultores são os grandes responsáveis pela atual penúria. Incendiados por generosos subsídios do governo, eles estão cultivando produtos muito intensivos, como milho. E durante o verão recorrem maciçamente à irrigação. Resultado: consomem 80% da água, desperdiçam-na e ainda pagam pouco por isso.

Alguns criadores de gado dizem que estão tendo que recorrer às reservas de alimento do inverno para alimentar os animais, que estão tomando água da bica porque os riachos estão secos. Eles querem que o governo construa reservas de estoque de água durante o inverno — uma solução que não agrada à União dos Consumidores, por não atacar o problema a longo prazo. Os únicos contentes são os viticultores, porque os vinhedos gostam de seca. ■